

A responsabilidade da desordem
– notas sobre os *Broken Mold Writings* de Ana Mota

Ricardo A. P. Reis

Como a criança que passa por uma chave caída de um bolso e diz «que coisa tão engraçada para fazer um carrinho»¹, a artista passa pelas *mecanormas* – objecto extemporâneo e anacrónico – e diz «que coisa tão engraçada para criar uma constelação».

Cada *mecanorma* segue uma norma e uma ordem: os caracteres organizam-se segundo uma orientação alfabética, numérica e hierárquica. A artista tem agora de inventar a *responsabilidade da desordem*² distribuindo de forma aleatória os caracteres pela página. Como se estes se soltassem da rede fixa que os aprisionava e livres pudessem agora brilhar numa outra ordem. E cada folha acolhe uma nova constelação – um padrão aleatoriamente vigiado onde os nossos olhos procuram e encontram uma imagem.

Todavia, um olhar atento a estes trabalhos revela a existência de uma lógica na disposição dos caracteres por cada folha pois cada um deles ocupa uma disposição semelhante à que ocupava na *mecanorma* original. A transferência artística propõe assim uma «potência múltipla [...] mantendo o mundo pela desordem».³ E a desordem ajuda a manter o desassossego porque, afinal, «a ortographia também é gente.»⁴

Para estes *Broken Mold Writings* a artista usou apenas os caracteres danificados de cada *mecanorma* fazendo destas composições-constelações uma construção de ruínas. Ao mesmo tempo, cada composição-constelação-construção é também *o registo de uma transferência*. Uma transferência literal – o material usado nestes trabalhos é também designado por *transfer* a seco – e uma transferência múltipla e simbólica: ao riscar (ferir?), um a um, cada carácter, a artista trans-fere através do gesto caligráfico que geralmente usamos para ocultar um erro, a letra, o número, o símbolo. O gesto que serve para ocultar agora ajuda a revelar. Existe por isso uma transferência do não-visível para o visível.

Ainda outra transferência: os caracteres que criam o texto (legível) transformam-se aqui em textura (ilegível). Transforma-se o *leitor* num *observador* e a *escrita* em *desenho* – afinal, «a palavra é completa vista e ouvida»⁵ – e cabe a cada observador descobrir novos padrões na galáxia da transferência e no firmamento da folha.

¹ HATHERLY, Ana - «Tisana 17» in *Tisanas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2024, p. 21

² Expressão retirada da «Tisana 131» de Ana Hatherly

³ HÉLDER Herberto – *A cabeça entre as mãos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1982, p.21

⁴ PESSOA, Fernando – *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Vol.I Lisboa: Ática, 1984, p.17

⁵ *Idem, ibidem*